

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

A CONDIÇÃO HUMANA NA OBRA *SEIS VEZES LUCAS*, DE LYGIA BOJUNGA.

PARINTINS – AM

2018

SAMARAH FONSECA TAVARES

A CONDIÇÃO HUMANA NA OBRA *SEIS VEZES LUCAS*, DE LYGIA BOJUNGA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas –
Centro de Estudos Superiores de Parintins –
UEA/CESP, como exigência parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

ORIENTADORA: Prof^a. Msc. Delma Pacheco Sicsú

PARINTINS – AM

2018

SAMARAH FONSECA TAVARES

A CONDIÇÃO HUMANA NA OBRA *SEIS VEZES LUCAS*, DE LYGIA BOJUNGA.

Prof^ª. Msc. Delma Pacheco Sicsú

ORIENTADORA

Prof. Msc. José Benedito dos Santos

MEMBRO

Prof. Msc. Luís Alberto Mendes de Carvalho

MEMBRO

A CONDIÇÃO HUMANA NA OBRA *SEIS VEZES LUCAS*, DE LYGIA BOJUNGA.

Samarah Fonseca Tavares¹
Delma Pacheco Sicsú²

RESUMO: Este trabalho partiu da análise da obra *Seis Vezes Lucas* da escritora Lygia Bojunga e visa mostrar que a literatura infanto-juvenil tem grande relevância dentro do campo literário para ajudar a refletirmos sobre fatos existentes no mundo e no cotidiano enfrentado por nós seres humanos. Queremos ainda ver como acontece a relação entre a literatura, o autor e o leitor de modo a colaborar no nosso crescimento pessoal e intelectual ou ainda encontrar as respostas para um conflito particular que muitas vezes não é compreensível por quem não está nele. O objetivo deste estudo é mostrar de que forma acontece a recepção da obra *Seis vezes Lucas* por alunos do 6º ano, de uma Escola Estadual do Município de Parintins, com a finalidade de verificar se o grau de instrução é um dos fatores que colabora para uma opinião crítica e garante a autonomia enquanto cidadão, além de confirmar se a ficção promove também a identificação das ações humanas, ao trazer uma realidade que se pinta nas páginas ficcionais. Na fundamentação de nossa pesquisa encontramos alguns nomes de teóricos como: Coutinho (2015), Iser (2013), Azevedo (2004) dentre outros que dialogam com nosso trabalho.

Palavras-chave: Condição Humana, Leitor, Literatura, Lygia Bojunga, Realidade, Fictício.

ABSTRACT: This work was based on the analysis of the work *Six Times Lucas* by the writer Lygia Bojunga and aims to show that the literature of children and adolescents has great relevance within the literary field to help reflect on existing facts in the world and in the daily life faced by us humans. We still want to see how the relationship between literature, the author and the reader happens in order to collaborate in our personal and intellectual growth or to find the answers to a particular conflict that is often not comprehensible by those who are not in it. The objective of this study is to show how the reception of the six times Lucas by 6th grade students from a State School of the Municipality of Parintins takes place, in order to verify if the degree of instruction is one of the factors that collaborates for a critical opinion of these readers and guarantees autonomy as a citizen, as well as confirming if fiction also promotes the identification of human actions by bringing a reality that is painted on the fictional pages. In the foundation of our research we find some names of theorists as: Coutinho (2015), Iser (2013), Azevedo (2004) among others who dialogue with our work.

Keywords: Reality, Fictitious, Reader, Literature, Lygia Bojunga, Human Condition.

¹Acadêmica do 8º Período de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – CESP. Email: samarah1262@gmail.com

²Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, Professora do Curso de Letras da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), orientadora de projetos de pesquisas sobre literatura infanto-juvenil amazonense do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC), Email: delmasicsu@bol.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura é uma arte que utiliza recursos linguísticos próprios de acordo com a linha do pensamento de cada escritor. Possibilita a verificação, a contestação, à identificação, a criação de acontecimentos. Colabora ainda para repensarmos sobre os eventos sociais, históricos, religiosos, entre outros, eventos esses que podem aproximar ou afastar o leitor. Com isso é necessário considerar os motivos que promovam o interesse por uma obra.

Dessa forma, por meio desta pesquisa queremos mostrar como ocorre a recepção do leitor diante dos conflitos explanados num plano fictício, mas que se relaciona com a realidade e como a condição humana é evidenciada na obra *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga.

O reconhecimento da vida real consolidada no plano imaginário traz uma importância, visto que um aprendizado pode ser obtido através da Literatura Infanto-Juvenil através dos elementos que narrativa projeta ao apresentar outro universo com o qual o leitor pode identificar-se e o acolhimento da estória, pode acontecer em consequência da formação leitora do público que se permitiu conhecer uma determinada obra.

A apreciação do leitor pode estar também ligada à forma utilizada na apresentação dos acontecimentos que se passam na novela infanto- juvenil, além da organização das ideias da escritora, o qual é um ponto muito importante, pois por meio dos argumentos depositados nas páginas do livro a autora propicia o envolvimento entre o leitor, autor e a obra.

Esperamos que os jovens leitores fizessem uma reflexão das concepções que são impostas pela sociedade e que são quebradas no desvio de preceitos éticos, além de ver como podemos nos sentir com as ações humanas que estão presentes em nossa realidade e são escancaradas pela ficção.

REALIDADE *VERSUS* FICÇÃO

De um jeito inusitado a ficção mostra os acontecimentos da realidade com valor significativo para meditarmos sobre o mundo em que vivemos, por meio das ações humanas e os modos de vida reformulados dentro do campo literário. Podemos então dizer que há um cruzamento daquilo que é verídico e o que fora criado, porém não se deve esquecer a liberdade do autor ao apresentar um mundo sob sua visão. Diante disso Coutinho enfatiza:

[...] A ficção mesmo quando recebe sugestões do real, não tem por obrigação copiá-las, reproduzi-las fielmente. Não há dúvida que a ficção tem raízes na experiência humana. Mas o que a distingue das outras formas é que ela é uma transmutação ou transfiguração da realidade. [...] Ela seleciona,omite, arruma os dados da experiência

em ordem a fazer surgir um plano novo, de acordo com a interpretação que o artista faz da realidade. [...]. (COUTINHO, 51, 2015)

Em face disso, é preciso mergulhar de modo profundo para o desconhecido com o intuito de aprimorar velhos conceitos e vivenciarmos conflitos existentes na sociedade e que são mascarados pelas implantações de tabus, mas que conseguimos enxergar dentro da estória montada pelo autor, pois toda obra literária pode nos leva a uma reflexão.

Em *Seis vezes Lucas* vemos a imagem do que conhecemos, do que não aprovamos daquilo que sabemos, podendo nos tornar vítimas, simplesmente por sermos humanos. O irreal é desvendado por meio do recorte verídico. Assim Bojunga nos permite verificar;

A presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos; e embora a intimidade de uma vida privada plenamente desenvolvida, tal como jamais se conheceu antes do surgimento da era moderna e do concomitante declínio a esfera pública, sempre intensifica e enriquece grandemente toda a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados, esta intensificação sempre ocorre às custas da garantia da realidade do mundo e dos homens. (ARENDRT, 2007, 60).

O embate entre real e fictício na novela de Bojunga (2009), é feito pelo entrelaçar da realidade com o imaginativo e pode ser verificado no desenrolar dos acontecimentos da estória que remete às práticas do cotidiano vivenciadas pelas personagens dentro de um espetáculo organizado pelo artista. Isso ocorre devido a escritora da obra, lançar mão do recurso da mimesis por inserir propriedade da conduta humana na ficção envolta de elementos que emergem na realidade.

Diante desse processo mimético que ocorre na obra *Seis vezes Lucas*, Iser (1979, 105) enfatiza “[...] a mimesis, embora de importância fundamental não pode se restringir a mera imitação do que é, pois os processos de elucidação e de complementação exigem uma atividade performativa se as ausências aparentes não de se transformar em presença”. Com esta afirmação entendemos que além de mostrar fatos semelhantes a uma realidade, a ficção significa com outros aprendizados.

Lucas o personagem da obra analisada, como todo menino, vê no pai, a figura de um herói, visto que ainda não tem noção das imperfeições humanas, porém o personagem ao longo da trama sofrerá decepções e um processo de amadurecimento de forma dolorosa para conseguir passar pelos problemas dentro do convívio familiar. O mundo solitário de Lucas instaurado no fictício será ligado à realidade pelo leitor, ao identificar-se com contexto da obra. Nesse sentido Cademartori enfatiza:

[...] a narrativa ficcional possibilita uma generalização das tendências afetivas através da simbolização: por exemplo, a criança vivencia uma determinada relação pai e filho, e essa é uma circunstância dela; na história, ela encontra a relação pai e

filho representada com um caráter de exemplaridade, não moral, mas demonstrativa. (CADEMARTORI, 2006, 73).

O teor de significação na vida do leitor em relação a uma leitura depende da importância dada para as semelhanças, neste caso a condição humana presente entre o mundo desenhado e a realidade. Deste modo, identificar-se nas facetas que se pintam na obra de ficção, representam uma verdade contida no imaginário e ainda que o conjunto de personagens e alguns elementos sejam acrescentados no inventado, ou simplesmente inexistem no plano concreto, há algo que remeta um conflito vivenciado por sujeitos reais. Sobre essa confirmação Iser afirma:

[...] O mundo rerepresentado no texto tem um efeito sempre ambivalente, porque, na concretude de sua representação, parece designar um mundo por ela apresentado. No entanto, os atos de seleção e combinação já revelaram que o mundo do texto, por eles construídos, não é idêntico ao do contexto. Segue-se daí que o mundo representado no texto não designa um mundo existente; por isso, seu hábito designativo apenas funciona como a condição de uma referência. (ISER, 2013,45).

Desta maneira, *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga fornece ao receptor através do fictício uma conexão com o mundo real; dá ao leitor suporte para comparar, a partir de suas experiências, fatos que ocorrem em nossa sociedade; suscita questionamentos da natureza humana que causa angústia, dificuldade de entender a atitude do nosso semelhante ou a nossa mesma, diante de uma situação embaraçosa estabelecida pelo percurso da vida. Questões conflituosas aparecem no irreal, mas quão real nos parece ser, pois:

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir [...] as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos) a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro [...] a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas a relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”[...] as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc.(AZEVEDO,2004, 40-41)

Mediante a essas circunstâncias, o gênero novela tem autonomia para fazer nascer uma realidade nunca vista antes, trazendo em seu contexto aspectos que divergem do mundo exterior ao do livro, porém, levando o expectador a comparar causas, motivos e razões que direcionam o ser por um viés que resplandecem suas inquietações ou um momento de sua existência. Isso acontece de acordo com Cortez:

[...] como forma de vinculação entre a função imaginativa e a realidade, o fator emocional, que tende a manifestar-se a partir de imagens que provocam impressões, sensações, idéias e emoções relacionadas ao estado de espírito dominante no momento da recepção. E, finalmente, é a novidade que essa construção nova da realidade pode representar a criança [...]. (CORTEZ, 2006, 197).

Uma ligação que promove a aceitação do que é evidenciado pelo ser humano no campo fictício. Uma realidade das inquietudes do sujeito esboçadas por personagens que carregam uma história de outros desconhecidos, mas que se assemelham pelos mesmos anseios.

Lucas sem dúvida é a personagem que ganha conotação maior dos problemas existenciais na obra de Bojunga (2009). Na figura do menino, a autora explicita os obstáculos enfrentados pelas crianças durante a infância e que não recebem devida atenção da família principalmente, pois os que a rodeiam estão a uma etapa mais avançada da vida. Mergulhados em seu próprio mundo, os adultos não percebem que empurram a criança para um lugar obscuro, causando assim danos a esse ser em desenvolvimento.

[...] a criança pode dominar seus instintos somente se puder receber, em troca, o afeto [...] quando lhe falta afeto e vê-se às voltas somente com castigos como estímulos a fazê-la superar-se, muito frequentemente a criança não vê nenhuma razão suficiente para ensaiar tal superação. A sua personalidade estará profundamente prejudicada e se viciará com defeitos difíceis de erradicar-se; não será fácil corrigir o egocentrismo e a incapacidade de autodomínio de uma criança que não foi amada nos primeiros anos de idade. (MAGISTRETTI, 1968, 31)

A falta da presença ativa dos pais na vida de nosso protagonista provoca o medo, como descreve Bojunga (2009, 29) “Era só o Lucas sentir medo de qualquer coisa que ele já começava a pensar de novo no cachorro que ele queria ter”. Por isso, queria Lucas amenizar suas angústias, ao lado de qualquer coisa que levasse o desaparecimento da sua tristeza, um resgate da solidão sentida por ele pelo desprovimento de afeto no ambiente familiar.

Isso porque as crianças passam por conflitos sim, criando às vezes um mundo ideal. São seres como todas as outras pessoas de faixas etárias diferentes das suas, estão vulneráveis a tais eventualidades e quando se defrontam em uma leitura onde veem as mesmas dificuldades que enfrentam, se sentem compreendidas, assim entendem que esse processo é natural na nossa vida.

Crianças, na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade; tem sentimentos e razão; sonham e se apaixonam; tem dúvidas, medos e prazeres; ficam perplexas diante da existência de múltiplos pontos de vista; tem dificuldades em separar realidade e fantasia; são sexuadas e mortais. Em suma são essencialmente seres humanos. (AZEVEDO, 2004, 42)

Mesmo partindo do universo confuso da criança, em *Seis vezes Lucas*, Lygia vem expor nossas características, nossa projeção humana. Ou seja, podemos comprovar os mais variados impasses que são atribuídos a nossa espécie. Trabalha com o intuito de questionamos nossa essência no mundo.

Lygia Bojunga Nunes, através dos personagens e das situações que arma, questiona valores estabelecidos, demolindo arraigados preconceitos contra a mulher, contra o

velho, contra o artista, contra a criança – e propondo novos estabelecimentos em relações entre as pessoas. (CADEMARTORI, 2006, 64)

A realidade se fundamenta como afirma Trindade (1997) pela interpretação que o homem faz do mundo em que vive. A concretude nascerá a partir das opiniões levantadas, através dos signos e símbolos que são direcionados à existência dentro de nossa percepção. Assim, a autora de *Seis vezes Lucas*, lança aos nossos olhos episódios contundentes, com atos praticados ou vivenciados por nós humanos, pois somos passíveis de erros, porém muitas das vezes não aceitamos nosso praticar refletido no inventado.

A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA, AUTOR E O LEITOR.

A literatura tem um valor inigualável na vida de nós leitores. Com ela amadurecemos, encontramos reflexos do cotidiano, identificamo-nos, desconstruímos o convívio. Nesse sentido, Cademartori (2006,23) ressalta que “[...] a literatura surge como meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento”. Com isso, as lacunas deixadas pelo autor precisam ser preenchidas, e caminhos tendem a serem percorridos.

Caminhos esses que muitas vezes fazem o deleitar acontecer de forma prazerosa, outros com dificuldade extrema. Mas para isso se efetivar, a colaboração do autor e a forma como direciona o leitor é imprescindível para que o texto tome uma proporção mais elevada e enriquecida.

Diante dessa situação, entende-se que falar em literatura tem haver também com a formação do pensamento de cada indivíduo. Por isso, ao abordar a formação leitora dos alunos é preciso analisar e considerar os mais variados fatores que corroboram para as particularidades interpretativas de cada leitor. Sobre essa questão Faria comenta:

[...] difíceis e complexos são os caminhos que levam à formação do leitor. Não existe uma fórmula mágica para essa construção nem linearidade nas trajetórias percorridas. Alguns se formam no seio da família, outros na instituição de educação infantil ou na escola e outros, ainda na vida afora. Alguns se fazem leitores na infância, outros já adultos ou até mesmo na velhice. (FARIA, 2004, 50)

Temos então que entender quais motivos fez esse ou aquele leitor a tecer certa opinião sobre determinado tema levantado pelo autor, pois sempre haverá divergências no entendimento de uma referida obra, uma vez que as experiências leitoras não procederam do mesmo modo.

Então, nada melhor que um bom livro para promover a emancipação das opiniões do leitor, fortalecendo uma visão rica nos mais variados assuntos. Quanto ao modelo do leitor,

não existe um que possa ser apontado. Fazer isso é estereotipar, restringir os vários olhares, não aceitar as especificidades de cada ser, negar as facetas interpretativas, limitar e domesticar nossos leitores, sem levar em consideração o que afirma Azevedo:

[...] para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2004, 38)

Nesse contexto, Cademartori (2006) nos faz refletir sobre a importância da inserção de livros em nossa vida, haja vista que o aguçar do nosso intelecto só ocorre ao buscarmos ferramentas que oportunizem este acontecimento. Além do mais, nossas leituras podem advir do encanto que temos em relação à determinada obra, motivação, deficiência, aprimoramento intelectual entre outras causas recorrentes que nos levam a entender determinado texto, compreendendo, contudo, que tal entendimento varia de pessoa pra pessoa bem como de acordo com as necessidades como afirma Faria:

Os interesses de leitura surgem, portanto, para atendimento de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo. [...] os textos ficcionais e poéticos vem suprir seu desejo de evasão e/ou desafio. É claro que os dados informativos podem ser provocativos, aguçando a inteligência do leitor e garantindo uma imensa satisfação ao solucionar problemas. [...]. (FARIA, 2008, 17).

Desta forma, a aceitação ou não dos assuntos descritos por Bojunga (2009) em *Seis vezes Lucas* é resultante de opiniões cultivadas por cada indivíduo. No que tange a estética literária da novela, o explicitar de assuntos polêmicos pode assustar quem carrega preceitos ideológicos, sejam eles religiosos ou instaurados pela sociedade, levando ao mascaramento e repreensão da natureza humana e suas propensões, a condição de vida, o modo de agir, os instintos, a contradição de atitudes entre outras características que podem ser atribuídas a nós humanos e que nos chocam ao nos depararmos com esses fatores em uma leitura. Certamente, por esses motivos:

O ato crítico completo compreende três etapas: a resposta intuitiva, imediata, ou impressão, gerada no espírito do crítico pelo contato com a obra; a análise e compreensão, em plano racional e intelectual; a avaliação ou juízo de valor final. Portanto, da fase emocional e intuitiva, passa ao plano intelectual, e afinal ao julgamento (estético). (COUTINHO, 2015, 120).

Lygia Bojunga ao dar enfoque nos elementos que são inseridos dentro de uma obra, faz como forma de retirar as verdades contidas no texto, direcionando nossos olhares aos personagens e símbolos que se fazem evidentes ou que precisam ser descobertos pelo leitor. Exatamente, por isso temos que verificar cuidadosamente qual a representatividade de cada artifício posto na história que lemos. Pensando nisso:

[...] o ato de ler se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, quanto o exercício hermenêutico da interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita, a obra de ficção avulta como modelo por excelência da leitura. Sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada; ao contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e das figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche essas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. Desse modo, à tarefa de deciframento, implanta-se outra: a de preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação. (ZILBERMAN, 2009,33).

Ao atribuir significado por meio da escrita presume-se que Bojunga, além de colaborar com os anseios do leitor, dar respostas através da novela criada por ela, e não somente isto, foi o modo que encontrou para voltar ao tempo e viver o que no passado foi deixado para trás, porém agora com uma visão recriada por si, assim como outros autores já fizeram para construir uma obra.

Por esta razão, a obra *Seis Vezes Lucas* é gostosa de ser lida, devido à escrita de Bojunga ser de fácil entendimento. A autora faz uso de uma linguagem clara que permite ao leitor um acolhimento agradável ao ler ou ouvir sua produção, desse modo uma leitura de acordo com Martins (2006,36) permite “[...] uma abordagem despretensiosa, mas que permita avaliar aspectos básicos do processo, dando margem a se conhecer mais propriamente o ato de ler” por conseguinte fornece um aprendizado importante por tratar de fatos da vida humana que nos cercam no dia a dia.

O livro de Lygia Bojunga, proporciona ao sujeito a detecção de problemas enfrentados dentro do seio familiar, sejam eles presentes nos dias de hoje ou no passado desse sujeito. Permite ainda ao expectador enxergar-se como ator de um cenário elaborado pela escritora. Isso tudo proporcionado pela experiência literária, como Aguiar enfatiza:

O prazer estético nasce, pois, da compreensão do sujeito com respeito à prática que vive, envolve participação e apropriação. Na atitude estética, o leitor deleita-se com o objeto que lhe é exterior. Descobre-se, apropriando uma experiência do sentido do mundo. Diante da obra percebe sua própria atividade criativa de recepção da vivência alheia. (AGUIAR, 2008,21)

A escrita de Bojunga está na categoria infanto-juvenil, mas não é unicamente destinada a crianças e adolescentes, uma vez que “[...] Lygia se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social.” (CADEMARTORI, 2006, 64). Mas os sentidos que se retiram de uma obra podem ser distintos, tudo vai depender da relação que se estabelece entre o leitor, texto e autor.

Há, pois um encontro que acontece nas linhas de um texto, uma aventura permitida a lugares onde nunca estivemos presentes de corpo, mas que no desvendar podem tornam-se

familiares quando é possível relacionarmos nossas experiências vividas com o que há contido na estória. Ganhamos esclarecimento, um diálogo surge a partir de nossa colaboração que nos leva a outro patamar onde somos construtores de saberes e aprendizes.

OS CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE A PESQUISA.

Todo trabalho e quaisquer atividades antes de seu cumprimento precisam de um planejamento, uma vez que o pesquisador ou docente não pode promover uma investigação ou ensino sem antes programar-se.

Por esta razão, a metodologia é fundamental, como também deve ser bem elaborada, de modo a ajudar o pesquisador a não fugir de sua proposta, mas sim alcançar os objetivos da pesquisa com obstinação, consciência e seriedade. Desse modo, para as etapas metodológicas do estudo aqui descrito foram escolhidas técnicas e procedimentos de acordo com a temática abordada.

O estudo percorreu os caminhos da natureza qualitativa, e um fator afirmativo para delimitar a natureza deste trabalho, foram os sujeitos colaboradores que deram significados para as relações humanas, a partir da obra *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga.

A escolha da natureza da pesquisa permitiu a integração de conhecimentos feitos através da interpretação dos fenômenos apresentados dentro da obra. Com isso, o objeto não se deteve neutro por possuir relações estabelecidas pelos sujeitos. Assim, “[...] Esta relação viva e participante é indispensável para se aprender os vínculos entre as pessoas e os objetos, e os significados que são construídos pelos sujeitos. [...]” (CHIZZOTTI, 2006,84). Para formar o arcabouço de nossa pesquisa buscaram-se leituras dos teóricos: Cademartori (2006), Zilberman (2009), Coutinho (2015), entre outros.

Devido à pesquisa ter sido voltada para um grupo específico, o método de procedimento foi o Estudo de Caso. Sobre esse procedimento Gatti afirma que “[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais [...]” (2005, p. 11). Em favor disso, para a pesquisa buscou-se sujeitos que estivessem entre a fase infantil e a adolescência, pois é nesse estágio da vida que enfrentar os problemas da realidade pode gerar uma maturidade de forma dolorosa na criança.

Como método de abordagem, o estudo em questão lança mão da hermenêutica, pois não se restringe um único significado, devido os vários olhares interpretativos feitos sob o objeto estudado, permitindo assim o sujeito suscitar sua opinião acerca do que fora apresentado pelo conjunto dos fenômenos criados pela autora e sobre esse acontecimento dado pela hermenêutica, Eagleton apoiado na Visão de Hirsch diz que “[...] os autores dão

sentido às suas obras, ao passo que os leitores lhe atribuem significações”. (EAGLETON, 2001,92).

A partir de dados bibliográficos, a pesquisa buscou teóricos para mostrar a veracidade sobre a condição humana dentro da obra de Bojunga, a identificação do leitor diante da obra e a sua recepção leitora, de forma a consolidar este estudo. Por este motivo, além da pesquisa bibliográfica, foi necessária a pesquisa de campo para constatar a efetivação das questões levantadas pela pesquisadora. Assim, foi realizada uma oficina intitulada “Roda de leitura da obra *Seis Vezes Lucas*”, que teve como objetivo apresentar a obra na íntegra para sujeitos terem conhecimento do contexto e posicionassem perante ela.

Um questionário com dez perguntas foi aplicado sendo ele, de suma importância na coleta dos dados, porque através dele foi confirmado como a percepção dos leitores se desenvolveu. Conforme Chizzoti “O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, [...] com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar.” (CHIZZOTTI, 2006,55).

O nível do entendimento dos sujeitos que responderam as questões fica evidente no quadro demonstrativo (em anexo) elaborado pela pesquisadora, a fim de mostrar a aproximação das respostas dos alunos referente aos questionamentos levantados da obra estudada e o objetivo proposto. Com base nas repostas dos sujeitos, quatro graus interpretativos foram pensados para avaliar as opiniões dos educandos.

A classificação ocorreu do seguinte modo: ÓTIMO= compreensão significativa com o contexto da obra, descritos pelos fatos presentes em *Seis vezes Lucas*. BOM= comentários relativos aos fatos presentes, mas com pequena fuga da pergunta. REGULAR= fatos relativos à obra, mas que não estavam de acordo com o questionamento. INSUFICIENTE= ausência total do contexto da obra.

Como cenário, a pesquisa teve uma Escola da Rede Estadual de Ensino do Município de Parintins, localizada à rua: Oneldes Martins, bairro São José de propriedade da Diocese da referida cidade. O educandário atende alunos dos seguintes bairros: São José, São Benedito, Itaguatinga, Djard Vieira, João Novo, Itaúna I e II, bairro da União, Paulo Corrêa, Comunidade de Aninga, Parananema, Macurany e outros locais adjacentes. Os níveis e modalidades de ensino voltam-se, para o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos- EJA. A instituição também volta seus trabalhos para alunos com necessidades especiais destas e de outras escolas. Tais informações podem ser encontradas no histórico da escola.

Foram escolhidos como sujeitos da pesquisa os alunos do 6º ano do ensino Fundamental, e apesar da turma ter aproximadamente 30 alunos como foi informado pelo professor de Língua Portuguesa que acompanha essas crianças e jovens, contamos apenas com a colaboração de 17 estudantes desta turma que têm entre 11 a 14 anos. Quanto ao dado da faixa etária dos educandos entende-se que os leitores estão transitando da fase infantil para a adolescência, onde os conflitos são intensificados em decorrência das relações geradas pelo ambiente familiar, educacional ou outros espaços que estes indivíduos participam.

Outros motivos importantes para a escolha desses sujeitos partiram das condições econômicas distintas, como se evidencia no Histórico da escola ao dizer que os alunos são provenientes de famílias de classe média-baixa, tendo então um poder aquisitivo pequeno. A rentabilidade financeira ganha maior destaque em: pequenos comércios, aposentados, funcionários públicos municipais ou estaduais e outras atividades informais como: os pescadores, tricicleiros, carroceiros, agricultores e os que retiram seus proventos dos programas dos Governos Federais e Municipais formando por consequência um público diversificado por advirem de vários bairros como fora anteriormente citados.

A pesquisa de campo teve duração de quatro (4) dias, totalizando sete (7) aulas disponibilizadas pelo professor de Língua Portuguesa do 6º ano. Com uma oficina intitulada “Roda de leitura da obra *Seis vezes Lucas*” a pesquisadora organizou as etapas a serem seguidas: 1) Apresentação da autora; 2) Informações a respeito da escritora; 3) Apresentação da escritora através de imagens retiradas da internet; 4) Abordagem sobre a importância da literatura Infanto-Juvenil; 5) Apresentação em mídia das capas dos livros da escritora, dentre elas a do livro que é nosso objeto de estudo; 6) Apresentação do livro *Seis vezes Lucas* e dos personagens que fazem parte da obra, através do formato HQ; 7) leitura dos capítulos do livro; 8) Aplicação de um questionário com perguntas em que os alunos posicionassem suas opiniões sobre a obra.

A organização do trabalho de campo contou ainda com a estratégia da seqüência básica apresentada por Cosson (2014) em *Letramento Literário: teoria e prática*, onde o autor faz uma abordagem sobre técnicas imprescindíveis para o ensino de literatura. Na prática a efetivação acontece através de quatro passos, são eles: motivação, introdução, leitura e interpretação como afirma o escritor.

No primeiro dia a pesquisadora fez sua apresentação pessoal aos educandos do 6º ano e comentou brevemente o motivo de sua presença no recinto escolar. Foi solicitado aos alunos a colocar em suas carteiras em formato de círculo. Em seguida foi explicada a esses alunos sobre a realização de uma oficina de leitura da obra aqui escolhida. Nesse dia, fizeram-

se presentes 23 estudantes e foram utilizados para a aplicação da oficina dois tempos de aula. Realizou-se assim os passos da Sequência Básica proposta por Cosson a começar pela introdução com a apresentação da biografia da autora Lygia Bojunga em slide, de forma sucinta, com dados informativos mais importantes em relação à escritora. Essa foi a forma mais viável encontrada pela pesquisadora para que os alunos do 6º ano compreendessem com clareza quem é a autora.

A seguinte informação dada pelo site obviousmag.org “Traz em suas obras um reflexo poetizado das belezas e angústias dos seres humanos e sociais que somos por isso ela ganha cada vez mais espaço não apenas nas nossas estantes, mas em nossos corações” foi apresentada aos estudantes para terem acesso sobre o que é dito da escritora referente à forma de escrever e conquistar seus leitores, para mais tarde verificar se os alunos ao responderem o questionário concordariam com essa afirmação, tendo como referência a obra deste estudo.

Lygia Bojunga também foi apresentada em imagens extraídas da internet, com o pensamento de aproximar os sujeitos, a autora e a obra produzida por ela. Além disso, a pesquisadora não poderia trabalhar *Seis vezes Lucas* sem abordar a importância que a literatura infanto-juvenil pode ter na vida de crianças e jovens, por isso mostrou também aos alunos o pensamento de Gregorin para mostrar a eles o valor dessa literatura com a seguinte citação:

[...] trazem as vozes das crianças e o universo cotidiano com seus conflitos para serem lidos/vistos/sentidos na literatura infantil de hoje, conflitos esses levados às crianças com uma proposta de diálogo, não somente de imposição de valores [...].
(GREGORIN FILHO, 2009, 30)

Com isso, a pesquisadora comentou que é por meio dessa literatura que os autores expõem temas que fazem parte de momentos da nossa vida, ou talvez, conhecemos alguém com experiência semelhante. Há problemas da realidade do homem colocados na obra ficcional, podendo também nós, enquanto leitores, nos sentir compreendido através da maneira como o autor escreveu sobre um universo que antes parecia só nosso.

Enfatizou-se também que a literatura infanto-juvenil não vem dizer como devemos agir ou ‘impor valores’ como afirma Gregorin, mas sim, fazer com que tenhamos uma visão holística da vida e dos problemas gerados pelas relações sociais.

Em seguida foram apresentadas em mídia as capas de algumas obras da autora, como: *A bolsa amarela*, *Os colegas*, *O sofá estampado*, *A casa da madrinha*, *Sapato de salto e Angélica* com o intuito de despertar o interesse dos alunos do 6º ano para conhecer outros trabalhos da escritora. A exposição das capas finalizou-se com a imagem da obra *Seis vezes Lucas* que é o objeto de estudo dessa pesquisa.

Também foi feita a apresentação da obra de Bojunga no formato HQ, com um livro de dobradura elaborado pela pesquisadora, que trouxe em seu interior as imagens dos personagens que compõem a obra de Lygia, a fim de motivar os estudantes a terem curiosidade em saber sobre os fatos narrados na novela *Seis vezes Lucas*.

Sobre essa técnica declara Cosson (2014,55) “[...] cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir.[...]”. Em razão do uso da sequência básica do letramento literário, proposto por Cosson, tivemos o aguçar da imaginação dos pequenos leitores perante a obra, lida posteriormente pela pesquisadora.

Como a obra foi lida na íntegra, à pesquisadora fez o resumo de cada capítulo da obra, como objetivo de resgatar parte da estória, caso os alunos precisassem lembrar de um momento importante que passa dentro do livro, pois ao final da estória os educandos tiveram que responder um questionário com assuntos pertinentes ao contexto da obra de Bojunga.

Ao principiarmos com a distribuição do material impresso, ou seja, o resumo da obra, logo surgiu uma curiosidade enorme dos alunos. Queriam saber por que o nome se chama *Seis vezes Lucas* e antes que pudessem obter uma resposta, foram dando palpites como: “era porque ele tinha seis irmãos, “era porque tinha seis personagens” e quase acertaram quando alguém disse: “é porque ele aparece seis vezes triste”. Mas, para que não terminasse a curiosidade em virtude do nome da obra, a pesquisadora, sem revelar o significado do título do livro, disse que isso era uma coisa a descobrirem juntos.

Prosseguimos com a leitura do primeiro capítulo da obra. Ao final do capítulo, a pesquisadora dispôs espaço aos estudantes para que pudessem expor suas observações dessa parte da estória. Logo, alguns alunos responderam: “- Lucas tinha medo”, “-o pai de Lucas era bravo”. Notamos então, as primeiras impressões de nosso público em relação ao capítulo inicial. Finalizou-se assim o primeiro dia da oficina.

No segundo dia da oficina “Roda de leitura da obra *Seis vezes Lucas*, tínhamos somente um tempo de aula disponível. Os 23 alunos permaneceram conosco para ouvirem a leitura do segundo capítulo. Notou-se nos alunos que eles mostravam em suas expressões faciais compaixão com o personagem Lucas e indignação com as atitudes do pai do menino.

Ao terceiro dia da oficina avançamos um pouco mais na leitura. O terceiro, quarto e quinto capítulos foram trabalhados. Isso porque os dois últimos capítulos mencionados eram menores. Nesse dia, 20 alunos estavam presentes e tivemos dois tempos de aulas para a abordagem da continuação da estória. A turma estava um pouco mais agitada nesse dia por

ser uma sexta-feira e os tempos de aula ser os dois últimos, mas nada que interferissem na coleta das informações relativas à nossa pesquisa.

O último dia da oficina foi concluído com a presença de 20 alunos. Dois tempos de aula foram disponibilizados. Nesse dia, fez-se a leitura do capítulo final da obra, ouvimos os comentários referentes ao desfecho da estória e finalizamos com a aplicação do questionário. Importante frisar que, apesar, de 20 alunos estarem presentes, somente 17 respondeu ao questionário.

A CONDIÇÃO HUMANA PRESENTE NA FICÇÃO DE BOJUNGA: A PERCEPÇÃO DOS DISCENTES

Na coleta de dados que passamos a descrever e analisar, é visível os aspectos principais dos atos humanos presentes na obra estudada. Poderemos vislumbrar esses principais aspectos nos discursos dos discentes, ao colaborarem com suas experiências que tem relação com os fatos narrados em “Seis vezes Lucas”.

Abaixo de cada pergunta colocamos algumas exemplificações, através da transcrição das opiniões dos 17 alunos do 6º ano de um educandário da Rede Estadual de Ensino do Município de Parintins que ajudaram a efetivar esta pesquisa. Importante destacar que as respostas dos educandos foram escritas do mesmo modo como eles responderam no questionário, ou seja, *ipsis verbis* (sem tirar nem pôr).

Para cada classificação retiramos apenas uma resposta. Nossa preocupação não está em avaliar a escrita do aluno, mas sim verificar qual a interpretação deles, os significados dado por esses leitores à estória e o que o contexto da obra gerou nos sujeitos da pesquisa. Vejamos a seguir o diagnóstico dos dados coletados.

1) Como você descreve a relação do menino Lucas com seus pais?

Ótimo: *“ruim pois eles deixavam seu filho só, e ele ficava triste e com medo e também que eles não davam muita atenção”.*

Bom: *“A relação dele com seus pais era que o pai dele era muito arrogante com ele e com a mãe dele, mais sua mãe era humilde e gostava muito do filho que ela tinha”.*

Regular: *“A relação com o pai por que ele, queria que ele fosse corajoso então o lucas ficou corajoso”.*

Insuficiente: *“ganado, mimado etc”*

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Na primeira pergunta pelas informações descritas no questionário, 10 alunos conseguiram enxergar o que se passa na obra *Seis vezes Lucas*, pois ao relatarem o problema

enfrentado pelo garoto, fica comprovada essa evidência no grau interpretativo ÓTIMO/BOM. Outras interpretações foram feitas pelos discentes, visto que “[...] a leitura aponta a uma modalidade de experimentação do tempo e do espaço circundante que transcende sua função escolar. [...]”. (ZILBERMAN, 2009, 36).

Justamente por saber que ninguém compreende da mesma forma, é preciso oportunizar a liberdade do pensamento e deixar espaço para os leitores relacionarem os fatos presentes da obra em conformidade com seu nível de leitura.

2) Lucas sentia medo. Em sua opinião, por que isso acontecia? O que ele fazia para se distrair do medo?

Ótimo: *“Isso acontecia porquê ele não gostava de ficar sozinho quando seus pais saiam, primeiro ele desenhou um cachorro, depois ele fez a cara só para distrair seu medo ”.*

Bom: *“ele ligava televisão, tudo que fazia barulho”.*

Regular: *“ele tinha medo do Pai de bater nele por que ele via o pai de traindo a sua mãe e também lucas não sabia dançar ele tinha medo de dançar com algem mais leanor encinou Lucas dançar”.*

Insuficiente: *“brincava”*

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Na segunda pergunta no que concernem às respostas dos 17 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, houve uma excelente compreensão, pois na classificação ÓTIMO/BOM, 14 educandos apontaram a causa do medo sentido por Lucas, como também tornaram claros os artifícios usados pelo garoto para amenizar a angústia da solidão.

Apenas 1 aluno trouxe episódios da obra, mas que não estão de acordo com o questionamento suscitado e 2 sujeitos da pesquisa não atingiram o objetivo da pergunta apresentando incompatibilidade com o que realmente acontece na obra. Em razão a esse o modo de interpretar dos alunos Cortez diz: “[...] a função imaginativa depende da experiência, das necessidades e interesses nos quais ela se manifesta [...]” (CORTEZ, 2006, 197). Pelos resultados obtidos confirmamos o vínculo estabelecido pelos sujeitos da pesquisa com o episódio que narra sobre o medo do personagem Lucas.

3) Assim como Lucas, você já sentiu medo? O que você fazia ou faz para amenizar o seu medo?

Ótimo: *“Sim. Eu fico pensando em coisas boas, eu fico com a luz ligada a noite em teira quando a mamãe sai.”.*

Bom: *“sim me distrai”.*

Regular: *“ele dançava com a cara dançava com o noe”.*

Insuficiente: não houve nenhuma resposta equivalente a essa classificação.

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Confirma-se nas respostas de 16 alunos que a questão do medo presente na obra de Bojunga (2009) promoveu uma grande afinidade entre os sujeitos, ao alegarem ter medo e indicar os meios percorridos para fugir desse problema, Somente uma resposta foi incoerente, o sujeito em questão, trouxe uma passagem do texto, mas não havia nenhuma correlação com o que se pedia até mesmo porque a resposta do terceiro item é pessoal. Não houve nenhuma resposta na classificação INSUFICIENTE.

Dada a opinião dos sujeitos da pesquisa, entende-se que essa interpretação acontece em razão do “[...] imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens” (TRINDADE, 1997, 27). Com isso entendemos que a literatura por meio da ficção tem a capacidade de provocar efeitos que remete significados com as experiências dos leitores.

4) **Em sua opinião, Lucas se decepcionou com alguém? Com quem? Por quê?**

Ótimo: *“Sim com o seu Pai. Por ele ter deixado o Timorato sozinho na estrada, por enganar sua mãe, por ele ter dado em cima de Lenor e enganar ela e também por que ele chamou Lucas de chorão e outras coisas”.*

Bom: não houve nenhuma resposta equivalente a essa classificação.

Regular: *“Nesse momento Lucas não se sentia mais sozinho e nem tinha medo, pois agora ele tinha com quem conversar uma cara que ouvia sem resignação tudo o que o menino sentia”.*

Insuficiente: *“lucas era muito gaiato mas ele”.*

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Na quarta pergunta 15 alunos fizeram evidente em suas respostas sobre os motivos da decepção do personagem Lucas. Isso talvez esteja atrelado a uma mesma experiência de traição ocorrida no convívio familiar ou de alguém próximo que tenha relação com esses alunos e se fez do conhecimento dos sujeitos de nossa pesquisa. Sobre esse fato Aguiar corrobora:

[...] O texto ficcional e poético apropriam-se das referências da realidade histórica, em termos de tempos, ambientes, costumes, personagens, conflitos, sentimentos, para abstrair dos fatos as motivações humanas que geraram e que são comuns a todos os homens. [...]. (AGUIAR, 2008, 18).

Com base nas respostas dos alunos acreditamos que o os Sujeitos da pesquisa fizeram evidentes os conflitos da obra, uma vez que o número de respostas foi quase unânime,

isso mostra que a problemática ficou visível e fácil de ser notada. Tivemos um resultado muito significativo com este questionamento. Somente dois alunos não conseguiram ter a visão da decepção de Lucas com seu pai e os motivos sucedidos desse sentimento.

5) Pelo contexto da obra como você descreve as características humanas dos personagens em *Seis vezes Lucas*?

Lucas
<p>Ótimo: <i>“Um garoto que imagina coisas é apaixonado pela professora lenor e gosta de seu cachorro, mas que tem medo”.</i></p> <p>Bom: <i>“ele era carinhoso se ele não fosse medroso”.</i></p> <p>Regular: <i>“Lucas é um menino ingraçado e bonito”</i></p> <p>Insuficiente: <i>“a cara no pai tudo era bom”</i></p>
Pai do Lucas
<p>Ótimo: <i>“Um homem disonesto mentiroso que trói a mãe de Lucas com a professora lenor”.</i></p> <p>Bom: <i>“O pai do Lucas era muito brabo com ele. Por que ele sentia muito medo Porisso”.</i></p> <p>Regular: <i>“ele queria namorar com a professora de lucas”.</i></p> <p>Insuficiente: <i>“O pai do Lucas era legal mas ele não aceitava”.</i></p>
Mãe do Lucas
<p>Ótimo: <i>“uma mulher que ama seu marido, submissa”.</i></p> <p>Bom: <i>“A mãe do lucas era vaidosa e adorava dançar”</i></p> <p>Regular: <i>“tinha cabelos ruivos, era alta, tinha os olhos pretos, usava vestido furta- cor e era branca”.</i></p> <p>Insuficiente: <i>“A mãe do Lucas era muito legal”</i></p>
Lenor
<p>Ótimo: <i>“Uma professora linda que não sabe que o pai de lucas tem uma esposa que também é enganada”.</i></p> <p>Bom: <i>“ela era legal com lucas”.</i></p> <p>Regular: <i>“A lenor era a professora do Lucas e o lucas amava o lenor”.</i></p> <p>Insuficiente: <i>“professora de lucas”</i></p>

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Na quinta pergunta 12 alunos conseguiram lançar um olhar que captou os comportamentos humanos dos indivíduos da estória, 3 alunos descreveram sobre fatos que estão presentes na obra, porém não atende a esse questionamento. Na classificação

INSUFICIENTE, houve apenas 2 respostas. Tais entendimentos configuraram-se dessa forma devido “[...] determinados sistemas de sentido da vida real se convertam em campos de referência do texto e estes, por sua vez, se transmutem no contexto de interpretações recíprocas”. (ISER, 2013, 36)

Os sujeitos de nossa pesquisa ao fazer a descrição dos posicionamentos comportamentais dos indivíduos da novela de Bojunga (2009) firmam uma relação para esse momento da estória, pois é bem clara as colocações da autora no que se refere às características dos personagens.

Porém, as repostas com outras conclusões podem estar ligadas as imagens dos personagens apresentadas pela pesquisadora no formato HQ, despertando outra leitura nos sujeitos da pesquisa em relação aos verdadeiros comportamentos dos personagens.

6) O que você percebeu no comportamento do menino Lucas durante os seis capítulos da obra? Na sua visão, houve um amadurecimento do menino?

Ótimo: *“O menino lucas passou por varias cituações na trama; por tanto no ultimo capítulo percebe-ce um amadurecimento da parte de Lucas ele demonstra ter atitude e saber lhe da com a situação apresentada”.*

Bom: *“houve sim, pois em cada capitulo ele descobria uma coisa nova”.*

Regular: *“Eu acho que houve sim depois que a mãe dele se separarão e resolveu vira um menino maduro”*

Insuficiente: *“não sei”*

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Somente 2 educandos conseguiram interpretar com louvor quanto à transformação que Lucas sofreu durante a estória, 7 alunos afirmaram que o menino amadureceu, mas, no entanto há a falta da complementação da resposta por não apresentar o que provocou esse amadurecimento no menino, 2 alunos trouxeram apenas detalhes que estão na obra, mas não corresponde com a pergunta.

Os sujeitos da pesquisa que não notaram o amadurecimento do personagem Lucas, talvez esteja relacionado com seu nível de leitura, uma vez que quando se limita na leitura sensorial e emocional não permiti-se a leitura critica como aponta Martins (2006). Isto porque o fato contido na obra não estar tão explicito, então para se chegar a conclusão que houve um amadurecimento do personagem é preciso olhar para além do texto.

7) Os fatos apresentados em Seis vezes Lucas se fazem presentes também na realidade?

Ótimo: *“Sim. Porque muitas pessoas tem medo assim como Lucas, muitas mulheres e homens se apaixonam por seus professores, pais deixam seus filhos em casa sozinhos, muitas crianças e jovens tem essa visão de Lucas”.*

Bom: *“Se fazem muito presente na vida real. essa historia de lucas é bastante vista no brasil acontece sempre no dia-dia”.*

Regular: *“Sim sem vezes Lucas deu uma presença”.*

Insuficiente: não houve nenhuma resposta equivalente a essa classificação.

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

No grau interpretativo ÓTIMO, 3 alunos conseguiram estabelecer essa relação do mundo ficcional com o concreto ao descrever exemplos sobre essa ocorrência presente na obra. Sobre esse episódio 9 alunos afirmaram que os acontecimentos contidos na ficção apresentam-se na realidade, no entanto não há o detalhamento de como se concretizam. Em respostas de 5 alunos houve a descrição dos momentos que passam na obra, porém esses fatos não estão de acordo com a pergunta. Em virtude dos posicionamentos dos discentes Arendt diz:

“[...] Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privacidade ou na intimidade, trazemo-la para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade, a despeito de sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes. [...]” (ARENDR, 2007,60).

Sobre essa questão da conexão entre dois mundos, os alunos que afirmaram esse transpassar da ficção para o mundo concreto se faz pelos conhecimentos e experiências desses indivíduos, em favor do que foi apresentado pela obra de Bojunga (2009).

8) Você se identificou com a estória em algum momento da obra *Seis vezes Lucas*?

Qual?

Ótimo: *“Sim. Na traição de seu pai. bem foi o meu avô que traiu a minha vó. o meu avô estava bebendo e ele estava bebado e chegou com uma mulher na casa da minha vó a minha vó ficou furiosa com isso: que largou ele”.*

Bom: *“Eu não. isso é muito chato e serio mais tem uma historia que eu amei”*

Regular: *“gostei quando ele geria Esconder o vistido da mãe”.*

Insuficiente: não houve nenhuma resposta equivalente a essa classificação.

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Em 15 opiniões as interpretações dos alunos estavam coerentes com o contexto da estória, possivelmente pela correlação que os educandos fizeram com os fatos da obra. Apesar dos sujeitos enxergarem-se na construção ficcional, em algumas respostas não há o

compartilhamento de como se identificaram com a narrativa. Somente 4 alunos trouxeram situações da obra que destoam da pergunta. Quanto a essa identificação ou a possibilidade de novos aprendizados sobre a vida Aguiar corrobora:

[...] Quando se entra em contato com o conhecido, tem-se a satisfação de encontrar a si mesmo no próprio texto, num processo rápido de identificação que facilita a acomodação. Na experiência com o desconhecido, acontece a descoberta de modos alternativos de ser e viver. [...]. (AGUIAR, 2008, 17).

Mediante a esses entendimentos percebemos que os alunos interligaram fatos de seu mundo particular, colaborando com seus conhecimentos e experiências para nossa pesquisa.

9) Como leitor, o que você pode aprender com a obra *Seis Vezes Lucas*?

Ótimo: “*Sim. Por que ela é uma história legal pra ler e também ajuda na imaginação de crianças e jovens, assim como ajuda a compreender o livro e dialogar com outras pessoas*”.

Bom: “*Sim! Por que conhecer as obras Seis Vezes Lucas, por que ele falar sobre a vida com os pais, por que. foi uma historia linda com as obras seis Vezes Lucas*”

Regular: “*Sim porque e legal*”.

Insuficiente: “*não*”

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

No que se refere ao aprendizado que a obra deixa ao leitor, 5 alunos conseguiram expressar como a obra atribuiu-lhes significados. Fatos que contém obra foi apresentado por 1 aluno, mas que não tem haver com essa pergunta, 11 sujeitos da pesquisa não souberam dizer sobre o aprendizado que a obra proporciona. Com esses resultados, compreende-se que:

A obra abala o sentido do saber e se, para alguns, proclama o não-sentido, o absurdo do mundo, pode, também, manifestar o sentido evidente de todas as coisas ou, ainda, a reversibilidade do sentido. [...]. (CADEMARTORI, 2006, 30).

Nesse aspecto do não saber dizer sobre o aprendizado deixado pela narrativa estudada, observou-se que nem sempre o objetivo do autor de uma obra é alçando, pois existem fatores como, por exemplo, a falta de leitura, as condições de produção, o modo como a construção ficcional tocou esses educandos, entre outros motivos que podem ter dificultado os leitores a discursarem como uma estória fictícia pode transformar os seus pensamentos. As respostas também apontam para outra questão como, por exemplo, não saber dizer o que é aprendizado.

10) Você gostou de conhecer a obra *Seis Vezes Lucas*? Por quê?

Ótimo: “*que nos deviamos perde o medo ser contra as coisas que são erradas*”

Bom: não houve nenhuma resposta equivalente a essa classificação.

Regular: “*Eu apredir que seis vezes Lucas é legal*”

Insuficiente: “*não sei*”

Fonte: Tavares & Sicsú, 2018.

Na última pergunta percebemos a aceitação da obra pelos sujeitos da pesquisa, visto que, em 15 respostas os alunos afirmaram o gosto pela narrativa, mesmo quando alguns não especificaram o motivo. Apenas 2 alunos disseram não gostar da obra, mas não justificaram a razão. Gostar ou não de uma leitura é aceitável “Isso pode acontecer também com relação a pessoas com quem convivemos ambientes e situações cotidianas [...]”.(MARTINS, 2006,9). Isto ocorre porque nós seres humanos somos seletivos e uma abordagem não toca todos da mesma forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos dados coletados e analisados, compreendemos que por meio da literatura infanto-juvenil é possível estabelecer um diálogo entre os leitores e a obra por meio do fictício. Através da leitura, podemos adentrar em uma viagem em que acontece o reconhecimento dos sujeitos em outros indivíduos que mesmo em suas especificidades tornam-se iguais.

Ou seja, os leitores podem identificar-se na a solidão, decepção com alguém tido como confiável e revela-se não ser tanto assim, ou ainda o processo de amadurecimento forçado que é causado nas crianças em virtude dos problemas que surgem pelas relações sociais.

Os 17 alunos do 6º ano, como consta neste trabalho em suas interpretações tiveram emancipação para apresentarem o seu ponto de vista com a atribuição de novos sentidos sobre o conjunto de acontecimentos narrados na obra estudada que se fazem por meio das ações humanas inseridas no contexto ficcional.

Quanto o acolhimento foi muito satisfatório, pois houve uma boa aceitação, e por isso acreditamos que os 17 alunos do 6º ano do referido educandário onde foi feita a oficina de roda de leitura da obra de Bojunga (2009) atribuiu significâncias a eles com o reconhecer-se em um cenário que surge pela recriação da mente humana, adentrando os labirintos da narrativa.

Com o estudo descrito, tivemos a chance de conhecer a realidade de pessoas que confirmaram ter algo em comum referente a momentos de sua vida como os problemas enfrentados por ela que ainda as afligem. Pudemos ver em cada rosto a repugnância sobre os

atos cometidos pelos personagens, mas também presenciamos nos olhos de outros as complacentes emoções causadas pelo contato com a literatura a eles apresentada. O que abre espaço para outras investidas no mundo da leitura e literatura que estão fora do alcance do presente relato.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática: conexões** «Da teoria à prática: competências de leitura¹». Alice Áurea Penteadó Martha, organizadora. – Maringá: Eduem, 2008.p.13-25
- ARENDR, Hannah. **A condição humana**; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. -10.ed- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- AZEVEDO, Ricardo. «**Formação de leitores e razões para a literatura**». Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004. 38-47.
- BOJUNGA, Lygia. **Seis vezes Lucas**. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2009.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8.ed- Paulo: Cortez, 2006.
- CORTEZ, Clarice Zamonaro. **Arte e imaginação: o ensino da arte na literatura infantil brasileira**. In *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*/ Maria Zaira Turchi, Vera Maria Tietzmann Silva (organizadores). – São Paulo: cultura acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. p.187-201.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**/-2. ed, 3ª reimpressão.-São Paulo: Contexto,2014.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 4ª.ed.-São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FARIA, Vitória Líbia Barreto de. « *Memórias de leitura e educação infantil* ». **Caminhos para a formação do leitor**- São Paulo: DCL,2004. 50-59.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas** Série pesquisa em educação v.10. Brasília-DF, 2005 <http://edisciplinas.usp.br> acesso em 28 de Setembro de 2018 às 15:00.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores**- São Paulo: editora: Melhoramentos, 2009.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectiva de uma antropologia literária**. 2ª ed.- Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2013.

_____ **O jogo do texto**. In *A literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Hans Robert Jauss... et al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 105-118.

MAGISTRETTI, Franca. **O mundo afetivo da criança**. Formações e deformações da personalidade afetiva e moral. Tradução de Aury Azélio Brunetti. Edições Framboyant. Distribuidora Record. Rio de Janeiro- São Paulo. Livros para o progresso. Propriedade da biblioteca Colted, 1968.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário**- São Paulo; Brasiliense, 1997. – Coleção Primeiros Passos.

ZILBERMAN, Regina. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**/ organizadoras Regina Zilberman& Tania M.K Rösing. – São Paulo: Global, 2009.

obviousmag.org acesso em 02/09/ 2018 às 13:30.

ANEXO

1) Como você descreve a relação do menino Lucas com seus pais?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	-	6	6
Bom	1	3	4
Regular	3	-	3
Insuficiente	3	1	4

2) Lucas sentia medo. Em sua opinião, por que isso acontecia? O que ele fazia para se distrair do medo?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	2	5	7
Bom	4	2	6
Regular	1	2	1
Insuficiente	1	1	2

3) Assim como Lucas, você já sentiu medo? O que você fazia ou faz para amenizar o seu medo?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	3	8	11
Bom	2	3	5
Regular	1	-	1
Insuficiente	-	-	-

4) Em sua opinião Lucas se decepcionou com alguém? Com quem? Por quê?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	6	9	15
Bom	-	-	-
Regular	-	1	1
Insuficiente	1	-	1

5) Pelo contexto da obra como você descreve as características humanas dos personagens em *Seis Vezes Lucas*?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	3	4	7
Bom	2	3	5
Regular	-	3	3
Insuficiente	2	-	2

6) O que você percebeu no comportamento do menino Lucas durante os seis capítulos da obra? Na sua visão, houve um amadurecimento do menino?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	-	2	2
Bom	1	6	7
Regular	-	2	2
Insuficiente	6	-	6

7) Os fatos apresentados em *Seis Vezes Lucas* se fazem presentes também na realidade?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	-	3	3
Bom	4	5	9
Regular	3	2	5
Insuficiente	-	-	-

8) Você se identificou com a história em algum momento da obra *Seis Vezes Lucas*? Qual? Fale um pouco sobre isso.

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	1	5	6
Bom	4	3	7
Regular	2	2	4
Insuficiente	-	-	-

9) Como leitor, o que você pode aprender com a obra *Seis Vezes Lucas*?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	1	2	3
Bom	-	2	2

Regular	-	-	1
Insuficiente	6	5	11

10) Você gostou de conhecer a obra *Seis vezes Lucas*? Por quê?

GRAU INTERPRETATIVO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (G.I)
Ótimo	2	4	7
Bom	3	3	6
Regular	1	1	2
Insuficiente	1	1	2